



# COMUNIDADE JESSÊNIA

DE ESTUDOS DOS MISTÉRIOS ESPIRITUAIS GNÓSTICOS

## O HINO DA PÉROLA

Companheiros jessênios e amigos visitantes deste site. Seguindo a tendência de transformar a nossa Home Page (<http://www.jessenios.com.br>) num veículo que por um lado divulga a Gnosis e por outro mostra a história da Comunidade Jessênia Ocidental, nessa oportunidade queremos mostrar uma face dos esforços de antigos alunos, da época de 1998 a 2000, em compreender os aspectos elevados e práticos do ensino gnóstico dos séculos I a IV d.C.

Com efeito, aqueles primeiros alunos participaram de uma filiação jessênia muito estrita, grandiosamente hermética e ainda envolta em muitos véus.

Naquele tempo ainda não possuíamos um ensino escrito organizado e o ensino oral só podia ser contemplado como um conjunto de doutrinas muito obscuras que esperavam um tempo futuro para serem esclarecidas. Claro que isto desenvolvia nos alunos uma falta de perspectiva ou ainda uma muito aflita vontade de mudar as diretrizes e aplacar tanto rigoroso uso de mitos, de símbolos, de parábolas inexplicáveis ou enigmas propostos sem que, contudo, se lhes desse a explicação.

Uma cobrança se fazia geral e enfática da parte dos alunos: tornar a Comunidade Jessênia mais acessível à compreensão humana. Mas, uma das idéias mais obscuras para aquele grupo, muito acostumado com Ordens e Organizações esotéricas monistas, era a de que em tempo próprio e sob orientações do olhar astrosófico do Hierofante, essa situação seria modificada.

Em meio a isso foi-nos solicitado que deixássemos alguns alunos desenvolverem um site paralelo ao da nossa Comunidade, com link comum ao seu endereço de Internet, denominado *Alquimia do Coração*, onde muitos assuntos esotéricos, incluindo os da Comunidade Jessênia, fossem expostos de uma forma mais clara e mais pública, tornando-se um rosto por meio do qual o que houvesse de melhor no esoterismo ocidental pudesse ser exposto segundo a visão de alguns alunos jessênios e não jessênios.

Alguns martinistas quiseram levar para esse site, com a ajuda da Comunidade Jessênia, o que houvesse de melhor sobre Jacob Boehme, e, com efeito, um discípulo dirigiu-se à casa do Ibny Joshai com o intuito de verificar traduções e comentários diversos e raros, sobre a literatura boehmiana, sobre von Eckartshausen, sobre os gnósticos antigos etc.

Aqueles alunos, depois de terem reunido muita coisa esotérica secreta, até então inédita, não só começaram a partilhá-las com os demais como também começaram a levar aquele material para o site mencionado.

Mas ocorreu, no tocante a isto, um fato. Como a Comunidade Jessênia mantivesse o seu ensino oral dualista ainda em total segredo, os companheiros do site Alquimia do Coração aumentaram os seus esforços e comentaram alguns escritos tendo em mente unicamente o ensino esotérico monista, escolhendo como fonte de inspiração principalmente o monismo hindu da Sociedade Teosófica. Eles não sabiam que no futuro a Comunidade Jessênia se

firmaria como dualista boehmiana e que adotaria a Gnosis de Bardesan (Bardesanes) e de Valentin como fontes principais de inspiração doutrinária. Também nada sabiam da grandiosa ligação do nosso dualismo com o dos essênios, de Zoroastro e dos Elkessaítas e Mandeianos.

De todos os escritos gnósticos que foram para o site Alquimia do Coração, o que chama mais a atenção é o da apresentação e comentário do belíssimo documento gnóstico-badesaniano denominado **O HINO DA PÉROLA**. Este, comentado com nobre e mui louvável inspiração monista, torna-se, agora, um documento sem par no tocante a se ver como que a nossa augusta Escola de Mistérios desenvolveu o seu caminho gnóstico-dualista.

Na presente oportunidade nós vamos apresentar esse documento exatamente dentro do espírito doutrinário que ele foi produzido, lido e praticado entre os séculos II e III d.C., no seio dos grupos gnósticos dualistas da chamada Escola do Apóstolo Tomé. Mas os jessênios e pesquisadores que desejarem, poderão solicitar por e-mail o antigo texto, monista, apresentado no site Alquimia do Coração, e com ele fazer um paralelo que, creio, servirá para que se veja de modo muito didático, claro e inquestionável como se diferencia uma Escola Gnóstico-dualista de Mistérios de uma Ordem esotérica monista, evolucionista.

A partir de um texto grego de O HINO DA PÉROLA, e cotejando diversas traduções para o inglês, para o espanhol e a tradução e comentário do especialista em copta professor Bentley Layton, seguramente um grande especialista do assunto na atualidade e recomendado na França pelos meios acadêmicos especializados em pesquisas de Escrituras Apócrifas Coptas, formularemos nova tradução e novo comentário desse tão luminoso documento dos gnósticos bardesanos.

Esse Hino, atribuído a Bardesan ou Bardesanes, influente poeta do gnosticismo cristão do século II, que trabalhou em Edessa, antiga cidade do norte do antigo reino da Turquia, oferece uma excepcional oportunidade para percebermos a profundidade da doutrina iniciática nos primórdios de nossa tradição cristã. O Hino apresenta um comovente relato da peregrinação da alma, que culmina com a sua ‘Salvação’, representada pela aquisição da ‘Pérola’ (a **Gnosis**), e o conseqüente retorno ao reino da Casa do Pai, num estreito paralelo com a parábola do Filho Pródigo (Lucas 15: 11 a 32) e da Pérola de Grande valor (Mateus 14: 44 a 46). Deixemos que a mensagem celestial de esperança penetre em nossos corações, pois a estória que será narrada é a história de nossa vida.

“Quando eu era criancinha, demasiado novo para falar e morava no Reino da Casa de meu Pai, deleitando-me na riqueza e no esplendor daqueles que me nutriam, meus pais me enviaram do oriente, nosso lar, numa missão, equipado com suprimentos para a jornada. Das riquezas de nossos tesouros eles me deram um grande carregamento, mas que era leve, para que eu pudesse carregá-lo sozinho.

A carga consistia de ouro das terras altas, prata dos grandes tesouros, jóias de esmeraldas da Índia e ágatas de Kushan. E cingiram-me com diamantes. Retiraram as minhas vestes cravejadas de jóias e adornadas de ouro que, por seu amor, haviam feito para mim, e meu manto de púrpura, confeccionado na minha exata medida.

E fizeram um pacto comigo, gravando-o em meu coração para que eu não pudesse esquecê-lo, dizendo isto: ‘Se tu fores ao Egito e dali trouxeres a pérola que se encontra no meio do mar, envolta pela serpente voraz, então colocarás outra vez a

veste cravejada de jóias e, por cima, o manto que tanto aprecias e serás um herdeiro de nosso reino, juntamente com teu irmão, o segundo em nossa hierarquia.

Deixei o Oriente e parti acompanhado de dois guias, pois o caminho era difícil e perigoso e eu era jovem para uma tal viagem. Atravessei as fronteiras de Maishan, o lugar de encontro dos mercadores orientais, cheguei à Terra de Babel e entrei pelas muralhas de Sarbug. Continuei e, chegando ao Egito, meus acompanhantes separaram-se de mim.

Incontinente, procurei a serpente, estabelecendo-me próximo de sua morada, aguardando a ocasião em que ela ficasse sonolenta e fosse dormir, para então tirar-lhe a pérola. Como estava sozinho e me mantinha à parte, parecia um estranho para meus companheiros de hospedagem. Entretanto, lá eu vi um homem livre, meu parente da terra da Alvorada, um jovem formoso e bem favorecido, filho de Nobres. Ele veio e juntou-se a mim.

Fi-lo meu parceiro predileto, um parceiro para minhas jornadas. Como constante companheiro alertou-me sobre os egípcios, para que evitasse misturar-me com os impuros. Pois, havia me vestido como eles, para que não pudessem imaginar que eu era estrangeiro e tinha vindo de longe para apossar-me da pérola e pudessem assim incitar a serpente contra mim.

Mas por alguma razão, eles souberam que eu não era de seu país. Com suas artimanhas, apresentaram-se a mim e ofereceram-me seus alimentos para comer. Ao prová-los, esqueci-me que era filho de um Rei e tornei-me um servo do rei deles. Esqueci completamente a pérola para a qual meus Pais me haviam enviado e, com o peso de seus alimentos, mergulhei num sono profundo.

Meus Pais percebiam tudo aquilo que estava acontecendo, e ficaram ansiosos. Foi feita então uma proclamação em nosso Reino: que todos se apresentassem rapidamente no Pórtico. E então os reis e chefes de Partia e todos os nobres do Levante decidiram que eu não deveria ficar no Egito. Escreveram-me uma carta e nela todos os nobres assinaram seu nome:

‘De parte de teu pai, o Rei dos Reis, de tua mãe, Senhora do Levante, e de nosso segundo, teu irmão, ao nosso filho no Egito, saudações! Acorda e desperta de teu sono. Ouve as palavras de nossa carta! Lembra-te que és filho de um rei; vê a quem serviste em tua escravidão. Pensa outra vez sobre a pérola, a razão pela qual viajastes ao Egito. Lembra-te de tua veste gloriosa e de teu esplêndido manto, para que possas outra vez vesti-los e usá-los como ornamentos, e para que teu nome possa ser lido no Livro dos Heróis, e com nosso sucessor, teu irmão, possas ser herdeiro em nosso reino.’

A carta, que o Rei havia lacrado com sua mão direita, era como um mensageiro contra a ameaça dos filhos de Babel e dos rebeldes demônios do Labirinto. Ela voou na forma de uma águia, a rainha de todas as aves; voou até pousar ao meu lado, transformando-se num discurso inteiro. Com sua voz e o som de suas asas, levantei-me, despertando de meu sono profundo. Tomei-a, beijei-a, parti seu lacre e a li. As palavras de minha carta estavam redigidas como as que estavam escritas em meu coração.

Lembrei-me naquele momento que eu era filho de rei e que minha alma, nascida livre, tinha saudade daqueles da mesma natureza. Lembrei-me novamente da pérola,

pela qual eu havia sido enviado em missão ao Egito. E comecei a cativar a terrível e ruidosa serpente. E eu a subjuguiei gritando o nome de meu Pai, o nome de nosso segundo e o de minha mãe, a Rainha do Oriente.

Roubei, então, a pérola e afastei em direção à casa de meu Pai. Retirei as vestimentas sujas e impuras, deixando-as em seu país de origem. Dirigi-me para o caminho pelo qual havia vindo, a estrada que leva à Luz de nossa casa, o Oriente. No caminho, encontrei diante de mim a carta que havia me despertado. E assim como ela havia me despertado com sua voz, agora me orientava com sua luz que brilhava à minha frente; com sua voz vencida meu temor, e com seu amor me conduzia. Eu segui adiante... Vislumbrava, às vezes, as vestes reais de seda, brilhando diante de mim. Segui adiante; passei pelo Labirinto; deixei a Terra de Babel à esquerda; e cheguei a Maishan, o lugar de encontro dos mercadores, que se localiza na costa.

Meus pais enviaram-me a Veste de Glória que eu havia despido e o Manto que a cobria. Enviaram-nos das alturas de Hyrcânia, pelas mãos de seus distribuidores de tesouros, pois que, por sua lealdade, a eles podiam ser confiados. Sem me lembrar de seu esplendor, pois a havia deixado na Casa de meu Pai na minha infância, ao vê-la, imediatamente a Veste pareceu-me como a imagem de mim mesmo.

Percebi nela todo o meu ser e, por meio dela, reconheci-me e percebi-me. Pois, apesar de termos sido originados da mesma unidade, éramos parcialmente divididos e, no entanto, éramos também unos em semelhança. Também, os tesouros que a haviam trazido do alto para mim, vi que eram dois seres, mas havia uma única forma em ambos, um único símbolo real consistindo de duas metades. E traziam meu dinheiro e minha riqueza em suas mãos e deram-me minha recompensa.

A gloriosa veste reluzente, enfeitada com brilhante esplendor de cores: com ouro, pérolas e também com pedras preciosas de diferentes cores. Para realçar sua grandeza estava cingida com diamantes. (Além disso) a Imagem do Rei dos Reis estava estampada inteiramente nela; pedras de safiras tinham sido afixadas na gola com lindo efeito.

Percebi, que movimentos de *Gnosis* abundavam em toda sua extensão, e que estava se preparando como que para falar. Ouvei o som de sua música, que sussurrava ao descer: 'Sou eu que pertence àquele que é mais forte do que todos os seres humanos e para o qual fui indicada pelo próprio Pai. E percebi em mim como minha estatura aumentava com sua atividade'.

E (agora), com seus movimentos reais, ela vinha em minha direção, como que apressada nas mãos de seus doadores, para que eu pudesse (tomá-la e) recebê-la. E de minha parte, também, meu amor instava-me a correr ao seu encontro e tomá-la. Estendi-me para recebê-la; com sua beleza colorida vesti-me e enrolei-me em meu manto de cores resplandecentes.

Vestido dessa forma, ascendi ao Portal das Boas Vindas e da Reverência. Inclinei minha cabeça e prestei homenagem à glória do Pai que a havia enviado, cujas ordens eu havia cumprido, e que, de sua parte, também havia feito o que prometera. Ele recebeu-me com alegria, e fiquei com Ele em seu Reino, e todos seus súditos estavam cantando hinos com vozes reverentes. Ele permitiu-me também ser levado à corte do Rei em sua companhia, para que com a pérola eu pudesse comparecer diante do Rei."

A estória começa quando uma alma demasiado nova para falar (exercer seus poderes criadores) é enviada, por seus pais, do mundo espiritual para o mundo material, numa missão que representa a grande peregrinação da alma. O oriente é onde nasce a luz do sol físico e, no sentido figurativo, é a origem da Luz espiritual primordial. A alma é enviada com suprimentos para a jornada, que são a substância de todos os planos pelos quais o peregrino deve passar. As riquezas do tesouro do pai, jóias e metais preciosos, referem-se aos poderes espirituais, que possuem grande valor e nenhum peso, podendo ser carregados facilmente pela alma. O ouro das terras altas simboliza a mais elevada sabedoria espiritual e a prata a compreensão espiritual; o diamante, a pedra mais preciosa, simboliza a essência espiritual do universo e sua expressão no homem como coragem intrépida e vontade indomável (a pedra mais dura que risca todas as outras); a safira representa a sabedoria.

Para encetar a viagem o jovem deve retirar sua veste real e seu manto de púrpura. Temos aqui a descrição do processo luciferiano, a penosa descida do espírito à matéria. A alegoria da retirada das vestes espirituais refere-se à desativação dos poderes espirituais no espírito encarnante que deve recobrir-se com roupagens cada vez mais grosseiras, culminando na colocação de vestes que, por suas vibrações pesadas, são consideradas como impuras, os corpos mental, astral, etérico e o físico.

Segue-se, então, o curioso pacto feito por seus pais, que é gravado no coração do peregrino, no âmago de seu ser, para que nunca mais possa ser esquecido. Esse pacto simboliza a missão do homem no mundo, que encerra a promessa de seu retorno triunfal às glórias celestiais, e ele é assinado no coração, ou seja, nos cinco pontos do peito que adiante mencionaremos de forma mais esclarecedora. O conhecimento interior desse pacto explica a insatisfação latente que aflora no homem em determinados momentos, quando experimenta um sentimento de carência, uma saudade inexplicável que o persegue, até que entende que as coisas externas deste mundo não atendem aos profundos anseios da alma. Começa, então, a busca do verdadeiro tesouro, quando se dá a compreensão de que vivemos em desterro neste mundo distante.

O pacto envolve a ida ao Egito, onde deverá recuperar a pérola preciosa que se encontra escondida no meio do mar, guardada pelas forças da matéria, simbolizadas pela terrível serpente (em grego drakon). Essa pérola representa a **Gnosis**, termo grego que significa conhecimento, porém não um conhecimento qualquer, mas o conhecimento último da Realidade, que é vivencial e não meramente intelectual.

O mar é o símbolo tradicional do plano emocional, onde se produzem as paixões e os desejos, ou seja, é a astralidade cardíaca com os sete metais da impiedade, com sua serpente que representa e é a natureza da tendência para o mal, que envolve a Jóia no Lótus, sobre a qual quase nada é dito no Hino, a não ser que é uma Pérola; ela simboliza a tremenda força telúrica do Terceiro Logos, que, no coração do discípulo, surge como anelo e busca da Verdade, e é a força da verdadeira Gnosis e da legítima Salvação; ela é o que os antigos cristãos denominavam de *Salus Mundi* ou saúde do mundo. Insinuada como um monstro terrível, a serpente é na verdade o fogo astral zodiacal oriundo do mundo ímpio que rodeia a Terra; ele envolve e mantém distante a astralidade divina do *Salus Mundi* chamado, no oriente de **kundalini cardíaca** ou **Shabda Brahma**, ou seja, palavra sânscrita que significa **canto e voz do espírito**; tanto a serpente da tendência para o mal quanto a Pérola ou Som do Espírito têm aspectos cósmicos e microcósmicos, habitando no coração do Planeta como no coração do homem; numa verdadeira iniciação dualístico gnóstica o discípulo precisa fazer a alquimia da separação, ou seja, ele deve negar a serpente e deve procurar a Pérola, que deve

ser despertada e elevada cuidadosamente do coração até o centro da cabeça, onde se encontra com a força espiritual duas vezes duodécupla (ou seja, os vinte e quatro pares de nervos cranianos tomados pelos vinte e quatro éteres crísticos) que desce pelo **chakra** coronário para conferir a iluminação ou **Gnosis** na forma de coroa de luz com grinalda e vestes sagrada.

O curioso é que o prêmio por essa realização extremamente difícil é o retorno ao estado original. Em paralelo com outras tradições, percebe-se aqui que os universos perturbados pelo erro luciférico passam por infindáveis ciclos de manifestação e retração. Em cada ciclo a consciência divina desce paulatinamente à matéria, num processo de resgate das centelhas humanas ou pérolas perdidas, seguido por uma etapa ascensional em que vai se libertando, desprendendo-se progressivamente do jugo da matéria, até manifestar plenamente sua natureza divina original.

O nobre filho parte do Oriente, do Reino da Luz Original, acompanhado de dois guias. Esses, são seres de duas espécies: 1º- os seres da Hierarquia Angélica do Logos, que, chefiados por Micael, **conforme o ensino de Jacob Boehme e de boehmianos como Carlos Guichtel, Freher e de Saint Martin**, formam o exército hipostático da luta contra os espíritos luciféricos nas rodas cósmicas da serpente maligna, cuja missão é abrir brechas no meio dos feixes de forças do zodíaco ímpio e eônico para a segunda espécie de seres: os Hierofantes ou Tathagatas (Tatha = ido e voltado; gata = caminho que se percorre); 2º- os Hierofantes ou Supremos Mestres que, uma vez libertos, não seguem para o Reino da Luz, mas “vão e voltam” até de um e de outro lado fronteiro entre a astralidade cósmica serpentina e a região cósmica do Salus Mundi, guiando massas de discípulos e suas Mônadas dos planos inferiores da Matéria para o reino da Plenitude ou o Pleroma. Essas duas espécies de seres habitam o coração dos Planetas junto com o Terceiro Logos e Suas Forças de Salus Mundi formando aquilo que os gnósticos valentinianos e **discípulos de Bardesanes** denominavam de **Stoikeia**.

Segue-se um relato da passagem do jovem por diferentes lugares, ou seja, pela astralidade cósmica ímpia e sua própria astralidade cardíaca maligna, que, pelo processo de Queda, deve ser descrito como uma descida da Luz para as Trevas ou, simbolicamente, do Oriente para o Egito. A denominação desses locais deve, pois, à parte da realidade histórico-geográfica da época em que o hino foi escrito, corresponder ao percurso interno e externo descensional da Queda. Atravessar as fronteiras de Maishan (grego Meson ou Intermediário) significa a passagem da alma pelos limites do mundo celestial, ou a ponte entre o mundo espiritual e o material, chamada no oriente de **anthakarana**, e na Cabala referida como passagem das Sefirot para as Qilipoth pelo processo dos vasos partidos (Ytssac de Lúria). É nesta esfera que os seres de luz se ‘misturam’ ou ‘mesclam’ com os elementos materiais trevosos, o lugar de encontro dos mercadores orientais. Esse local, ou melhor dito, plano de consciência, parece simbolizar o ponto de transição entre a mente superior e a inferior, onde os conceitos abstratos são cambiados por conceitos concretos utilizados neste mundo. Nessa descida Cognição, Intuição e Iluminação (pertencentes à Mente Abstrata) adormecem, e ficam aprisionadas pelos Pensamentos, Vontade, Sentimentos e Memória Racional (Mente Concreta). Chegam, então, à Terra de Babel, que tradicionalmente expressa a confusão dos sons, ou seja, das vibrações do plano dos desejos, das emoções e das paixões na serpente ímpia cardíaca (que são de natureza contrária à da Shabda Brahma). Entram pelas muralhas de Sarbug, também referida como o Labirinto, simbolizando os inextricáveis meandros do Fatum Zodiacal, que determina o destino dos homens, que corresponde aos planos astral e etérico em que uma complexa rede de ligações energéticas determina a conformação e as tendências malignas dos corpos humanos. Ao chegarem ao Egito, símbolo do corpo físico, seus acompanhantes, tendo cumprido sua missão, retornam a seu mundo de origem.

Nosso aventureiro estabelece-se numa hospedaria, ou seja, no corpo denso em que veio ao mundo físico (para os gnósticos, o corpo humano era considerado como uma hospedaria hostil e aprisionadora da alma, cuja natureza é, conforme a doutrina budista, da impermanência e de dukka ou sofrimento e dor). Ele parece um estranho aos seus companheiros, pois, enquanto o peregrino estiver consciente de sua missão divina, apesar de estar vestido como os egípcios (ou seja, encarnado nesse mundo físico hostil), será de alguma forma diferente dos outros, na medida em que seu comportamento e suas motivações estarão pautados por interesses que não são deste mundo. O viajante, porém, alia-se a um 'homem livre, filho de nobres da terra da Alvorada'. Esse, 'jovem formoso e bem favorecido,' representa o guia, ou instrutor espiritual, o **Hierofante**, que sempre aparece quando o peregrino está em busca do supremo tesouro, e sua orientação e ajuda são inestimáveis para que o buscador possa realizar sua missão.

O nobre amigo do nosso herói aconselha-o a não se misturar com os impuros. Os egípcios, porém, com suas artimanhas, apresentam-se ao viajante e oferecem-lhe seus alimentos. No caso, mais do que alimentos físicos, trata-se de alimentos para as emoções e as paixões, para o orgulho e a ambição, que mantêm a mente constantemente direcionada para atividades ligadas às coisas deste mundo. Com isso, o filho do Rei esquece-se de sua missão e torna-se súdito do rei local, ou seja, passa a atender aos interesses materiais, mergulhando num profundo esquecimento das coisas espirituais.

Seus Pais percebiam tudo o que se passava e ficaram ansiosos. A ansiedade dos Pais é um véu, pois sabiam desde o início a natureza difícil da missão de seu filho e o longo tempo que deveria durar. Porém, chegado o momento apropriado na longa jornada da alma, que só a providência divina conhece, a corte divina envia uma mensagem em que cada membro das hierarquias angélicas celeste assina seu nome. Assinar o nome significa colocar seus poderes à disposição do destinatário.

A carta lembra uma referência similar existente no livro *Voz do Silêncio*,<sup>[3]</sup> onde é dito que o guia é a voz interior, o eco da Shabda Brahma ou a expressão da consciência divina, que só pode ser percebido quando há total silêncio interior e, portanto, quando o indivíduo não mais está voltado para as coisas do mundo.

A carta voa como uma águia e, ao pousar ao lado do destinatário, transforma-se num discurso. A águia, a ave mais poderosa que voa em direção ao sol (o Logos) e desce para tomar pequenos quadrúpedes como presa (a personalidade quaternária), simboliza a natureza divina no homem que é enviada como mensageiro ao peregrino na terra distante. A águia representa o Cristo interior, a mente abstrata tomada pelos hormônios crísticos destilados pelos cinco pontos do Peito (osso esterno, coração, corrente sangüínea, glândula Timo e Jóia no Lótus), mas também uma Escola de Mistérios, onde Hierofantes e Anjos formam a Águia portadora da carta que os seres celestes assinaram; esta ave, ao pousar traz a verdade espiritual para o plano da mente concreta. Esse é um lindo simbolismo para a mensagem enviada pelo Pai e a corte celestial que, na realidade, já se encontra no interior da alma, no âmago do ser. O vôo representa a elevação de consciência que permite a percepção do mundo sutil além dos interesses mundanos.

A graça divina permite que o atribulado aventureiro possa ouvir a voz do silêncio, a mensagem da carta, e assim ele se levanta, despertando de seu sono profundo. O buscador regozija-se com a dádiva recebida, a lembrança de sua verdadeira natureza, e agradece a seus Pais, beijando a carta, ou seja, absorvendo a mensagem de seu Eu Superior à sua consciência

usual. O beijo é usado com frequência na linguagem sagrada para expressar a união, nesse caso a união da consciência superior (a mensagem do plano intuitivo simbolizado pela águia) com a consciência inferior (o jovem peregrino). O viajante percebe, então, que a carta já estava escrita em seu coração desde o princípio. Ela é a mensagem da Vida Una, que reverbera nos planos sutis desde o princípio da manifestação. Essa idéia é também expressa por Paulo: *“Nossa carta sois vós, carta escrita em nossos corações, reconhecida e lida por todos os homens. Evidentemente, pois, uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações!”* (II Cor 3, 2-3).

Ao receber a mensagem da carta, o buscador desperta e parte para cumprir sua missão. A estória não dá maiores detalhes sobre como é obtido o tesouro, além da informação de que o jovem começou *‘a cativar a serpente, encantando-a para dormir, cantando para ela o nome de seu Pai’*. Está implícito o poder dos nomes sagrados da Divindade, usados na Cabala como mantrasofia. O peregrino invoca o nome do Pai, da Mãe e de toda a hierarquia celestial, mobilizando toda a força divina dos Arcanjos para despertar e utilizar os tremendos poderes da serpente adormecida, a **kundalini**, elevando-a até a cabeça onde ocorre a iluminação libertadora, a **Gnosis**, simbolizada pela pérola. Esse processo tem um estreito paralelo com a Cabala, em que a consciência é elevada pelo pilar central, usando a força armazenada na base, na **sephira Yesod**, valendo-se então da intermediação do redentor **Tipheret**, para finalmente alcançar a **sephira** oculta, **Daath**, que significa Conhecimento, ou seja, **gnosis**.

Uma vez obtida a pérola preciosa, o peregrino está livre do Egito e parte em direção à casa do Pai, deixando para trás as vestimentas impuras. Isso parece indicar que, tendo obtido a iluminação, o buscador liberta-se do mundo da matéria e, simbolicamente, descarta seus corpos grosseiros. Caso deseje mais tarde voltar numa missão de misericórdia para ajudar outros buscadores adormecidos no Egito, poderá adquirir veículos, ou vestimentas, apropriados para esse tipo especial de missão que, apesar de serem idênticos aos usados pelos moradores da terra, não são sujos nem impuros, pois foram especialmente confeccionados para o nobre, agora um Mestre de Compaixão e Sabedoria.

Nosso herói retorna pelo caminho pelo qual viera. A direção do oriente simboliza a direção de onde vem a luz, portanto, a alma dirige-se para as alturas espirituais, o que também significa voltar-se para o seu interior.

Ocorre agora uma aparente contradição. O herói encontra, no caminho diante de si, a mensagem que o havia despertado. É como se houvesse um segundo encontro com a mensagem. Como o herói está liberto das limitações do corpo físico, agora pode perceber o que se encontra no recôndito de seu ser. A expansão de consciência, que inicialmente despertou a sua audição sutil, agora desperta também a sua visão espiritual. Essa parece ser a tendência da maior parte dos aspirantes na Senda, primeiramente a audição espiritual é desperta e só mais tarde a visão. Segue adiante, portanto, reconfortado pela voz amorosa do mestre interior e por visões diáfanas das vestes reais do mundo celestial. A Voz é o aspecto feminino do poder, e a Luz, o masculino, que guia, controla e ordena. A Voz e a Luz também podem ser interpretadas como sendo a Verdade Eterna, como nas Odes de Salomão. Ele vê as vestes mas ainda não pode vesti-las, pois não entrou no mundo da luz.

Em relação a isto que os amigos do site A.C. dizem, temos a acrescentar o seguinte: essa *Voz interior* tem toda uma complexa e alquímica forma de geração. No nosso coração há dois compartimentos e duas vozes; o lado esquerdo do coração sopra no ouvido



esquerdo a voz que Boehme chama de *mercúrio angustiado*, e no lado direito do coração há a Voz que Boehme denomina de Mercúrio do desejo de mudar de essência; sobre isso o sapateiro iluminado fala no *De Signatura Rerum* o seguinte: “*Adão e Eva estão mortos da seguinte maneira: o Mercúrio da alma saiu da essência da eternidade imaginando-se na essência do tempo, fonte da angústia; assim, a alma perdeu a essência da eternidade, que Cristo, no seu sacrifício, lhe devolveu mais tarde, através do seu Verbo divino. Se vê, portanto, que essa essência mercurial está enterrada na morte, no Mercúrio angustioso. Ensinarei, então, como levar o Mercúrio angustioso, adoecido, a um desejo de mudar de essência, e de formar um corpo não mais para a morte, mas para a essência da eternidade.* (VIII. Itens 9 e 10)”

No tocante a esse assunto, os graus internos da nossa Escola de Mistério desdobram-se em esforços para abordarem o tema de forma prática, mas recentemente, através da Palestra sobre *Mente concreta, Mente Abstrata e seus relacionamentos com o Corpo Astral*, a nossa Hierofania tem se adiantado em oferecer no presente esse conhecimento prático para todos os seus alunos.

O Mercúrio angustiado, ou seja, ligado ao envenenamento da cólera de Deus (da Justiça divina) – expressão constante nos escritos de Jacob Boehme – é a raiz e a essência, a natureza do nosso Corpo Astral ou de Desejos; com efeito, ele só deseja amar e conhecer a matéria, seus bens transitórios, suas paixões e ilusões. Sediado alquímico-etericamente no sangue como quinto metal ímpio, como metal da auto-ilusão e da premeditação do mal, o Mercúrio angustioso leva o Corpo Astral a ter ligação com o lado esquerdo do coração, com a Voz do desejo de conhecer e amar a matéria, e convoca os cinco sentidos para cumprir esses seus desejos.

Os amigos do A.C. seguem explicando que a crescente expansão de consciência que nosso nobre experimenta é descrita como uma viagem. Assim, é dito que ele deixa para trás o Labirinto e a Terra de Babel, chegando a Maishan, o lugar de intercâmbio entre os mundos espiritual e material.

Para entendermos dualisticamente essa viagem gnóstica ouçamos o que nos fala Fulcanelli sobre o Peregrino ou Viajante: “*todos os alquimistas precisam empreender essa peregrinação, pelo menos figuradamente, pois trata-se de uma viagem simbólica. O nosso viajante caminha por um longo tempo carregando um alforje vazio (o corpo astral sem Mercúrio angustioso) e um bordão sem cabeça (a ausência de predominância da ação da mente concreta sobre a abstrata); na testa tem a concha de São Tiago de Compostela (ou seja, o Selamento Batismal); assim, vestido de São-Tiago-Maior, o nosso peregrino é o Mercúrio secreto ou filosofal. Com efeito, a chegada do peregrino a Compostela significa que ele obteve a estrela ou o princípio da nova veste astral, ou seja, que o nosso mercúrio secreto é, no corpo astral, um grandioso e secreto desejo de mudar de natureza astral tendente ao mal, e estabelecer-se na matéria astral do puro anelo por redenção.*” (Nossa citação de Fulcanelli em *As Mansões Filosóficas*, cap. do *Homem dos Bosques*, com paráfrases explicativas).

Os companheiros do A.C. dizem que **uma** vez transposto esse limite, expresso como “a costa” onde se localiza a Maishan simbólica, aparecem os distribuidores do tesouro portando a Veste de Glória que havia sido deixada na casa do Pai. Mais uma surpresa: a veste se parece como a imagem dele mesmo. O reencontro consigo mesmo, o reconhecimento de sua imagem primordial e a união com ela significam o verdadeiro momento da salvação.

Com efeito, nesse novo ciclo de palestras médico-alquímicas da nossa Escola a Hierofania nos apontará o Corpo Astral como sendo a “costa”, ou a “costela” ou “compostela”, ou seja, o lugar do limiar da astralidade ímpia e sua fronteira com a astralidade das Estrelas-Stoikeias do Logos Solar. Ali, naquela fronteira, o nosso corpo astral desejará transpor a sua ordinária natureza tendente ao mal, e ir em direção ao campo astral luminoso do Pai, para nele extrair a matéria astral luminosa ou gloriosa da sua nova Veste de Luz.

O fato de a veste parecer-se com seu dono é de grande importância em todas as tradições esotéricas. O conhecimento de nossa verdadeira natureza só pode ser realmente obtido através da **gnosis**, quando então percebemos todas as implicações de sermos a centelha divina interior, unos com o Pai e, portanto, com todos os seres.

Os tesoureiros apresentam-se como dois seres com uma única forma, representando a verdade oculta de que, no mundo da manifestação, toda unidade apresenta-se de forma dual. Cada ser de luz é completo trazendo em si os dois aspectos da totalidade, masculino e feminino, força e forma. Os dois tesoureiros também representam o Mestre instrutor, que até então havia guiado ocultamente o jovem nobre, e o Grande Hierofante que concede a Iniciação, ou seja, a Veste de Luz que simboliza a iluminação suprema.

Os fiéis depositários dos tesouros do Rei finalmente entregam a recompensa prometida ao herói, a veste gloriosa. A veste cravejada de jóias, os tesouros espirituais, tem estampada a Imagem do Rei dos Reis, ou seja, é uma expressão do Supremo. Ele, então, percebe que *“movimentos de **Gnosis** abundavam em toda a extensão (da veste) que estava se preparando como que para falar.”* A consciência da unidade faz com que a **Gnosis** suprema seja concedida, desvelando a verdade sobre todas as coisas diretamente à mente.

Pelas palavras da veste fica claro que o conquistador recebeu a iniciação final que o torna um super-homem, um Mestre de Compaixão e Sabedoria. Isso é confirmado pelo Nobre que diz: “E percebi em mim como minha estatura aumentava com sua atividade.”

O próximo passo é a cerimônia de posse da veste, que simboliza o grande esplendor que deve ser a cerimônia de iniciação de um Mestre. A beleza colorida da veste e o manto de cores resplandecentes expressam o fato de que ao tornar-se Uno com o Todo, o Adepto tem a seu alcance os poderes dos sete raios, simbolizados pela profusão de cores. Finalmente o vencedor coloca a veste de luz e o manto de poder, ascende ao “Portal das Boas Vindas e da Reverência”, onde inclina-se e presta homenagem à glória do Pai. Esse o recebe com alegria, da mesma forma como o Pai agiu na parábola do filho pródigo, e todos os súditos do Reino participam das comemorações, pois mais um Filho de Deus, ou um raio do Sol Espiritual, retornou à fonte depois de cumprida sua missão.